

**CONHECIMENTO DOS MORADORES LOCAIS SOBRE OURO PRETO,
CIDADE PATRIMÔNIO MUNDIAL DA HUMANIDADE: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA**

**CONOCIMIENTO DE LOS RESIDENTES LOCALES SOBRE OURO PRETO,
CIUDAD PATRIMONIO MUNDIAL DE LA HUMANIDAD: UN RELATO DE
EXPERIENCIA**

Vitor Araújo da Silva

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)
vitoraraujosilva.va@gmail.com

Cristina de Oliveira Maia

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)
crismaia@ufop.edu.br

RESUMO

Em Ouro Preto, a exploração do ouro gerou um desenvolvimento social desigual, deixando marcas na sociedade, no meio ambiente e na organização territorial. Neste relato, exploramos como os moradores de um dos bairros mais antigos percebem a história da mineração de ouro na região a partir de projeto desenvolvido por estudantes de graduação no âmbito da disciplina de Educação Ambiental. Os resultados revelam um desconhecimento da história local, bem como dos valores geológicos da Serra do Veloso e destacam uma mina de ouro encontrada no bairro, inativa e aberta para visitação, como espaço potencial para desenvolvimento da Educação Ambiental.

Palavras-chave: mineração; Ouro Preto; patrimônio mundial; percepção ambiental; pertencimento.

Eixo temático: 6. Ensino de Ciências e Biologia, questões socioambientais e de saúde

Modalidade: Relato de experiência pedagógica.

RESUMEN

En Ouro Preto, la explotación del oro generó un desarrollo social desigual, dejando huellas en la sociedad, en el medio ambiente y en la organización territorial. En este relato, exploramos cómo los habitantes de uno de los barrios más antiguos perciben la historia de la minería de oro en la región a partir de un proyecto desarrollado por

estudantes de pregrado en el marco de la asignatura de Educación Ambiental. Los resultados revelan un desconocimiento de la historia local, así como de los valores geológicos de la Serra do Veloso y destacan una mina de oro encontrada en el barrio, inactiva y abierta para la visita, como un espacio potencial para el desarrollo de la Educación Ambiental.

Palabras clave: minería; Ouro Preto; patrimonio mundial; percepción ambiental; pertenencia.

Eje temático: 6. Enseñanza de Ciencias y Biología, cuestiones socioambientales y de salud.

Modalidad: Relato de experiencia pedagógica.

INTRODUÇÃO

Investigando o conceito de Percepção Ambiental, já em 2005, Melazo afirmava que o processo de urbanização sobre os espaços naturais, aliado ao regime capitalista, que pressiona os valores econômicos, sociais, culturais e determina a exclusão social, impõe um afastamento entre os seres humanos e a natureza. Os indivíduos deixam de se reconhecer como parte integrante do meio ambiente.

Assim, as relações entre as pessoas e a natureza tornam-se conflituosas, desconexas e banalizadas (Melazo, 2005), normalizando a perda não apenas de espécies e paisagens, mas também das experiências individuais de consciência social-crítica em relação ao local em que vivem e às diversas formas de vida presentes nele, quer seja à primeira vista, como árvores, animais, solo, relevo e recursos hídricos, ou em segundo plano, como ruas, avenidas, transportes, edificações e monumentos. Do mesmo modo, não é mais possível desconsiderar os impactos das ações humanas sobre o meio ambiente e sua destruição.

Nesse sentido, o estudo da percepção ambiental surge como uma abordagem crucial para compreender as inter-relações entre o homem e o ambiente em que vive: suas expectativas, satisfações e insatisfações, valores e condutas (Vasco; Zakrzewski, 2010). Sendo que cada indivíduo percebe, reage e responde de maneira única às ações sobre o meio. O fenômeno da percepção ambiental ainda pode fornecer subsídios para a solução de problemas socioambientais, proteção de áreas verdes e para a implementação de

programas de educação ambiental envolvendo diversos atores sociais e gestores (Vasco; Zakrzewski, 2010; Ribeiro, 2018; Ferreira; Profice, 2019).

A partir dessa compreensão, originada pelos próprios moradores e buscando romper com processos de inviabilização e silenciamentos sistemáticos, o indivíduo tem a oportunidade de protagonizar sua própria história, identificando, questionando e tomando decisões frente às questões socioambientais. Portanto, a Percepção Ambiental contempla os objetivos para uma Educação Ambiental Crítica. Ao favorecer a tomada de consciência de que, na própria natureza, está a nossa identidade humana, redescobre-se o lugar em que se vive, as coletividades e o sentimento de pertencimento, mas, sobretudo, identificam-se seus componentes mais simbólicos, que demarcam significados importantes para o entendimento tanto do passado quanto do presente, bem como as formas de poder (Sauvé, 2005).

A cidade de Ouro Preto (Fig. 1), em Minas Gerais, é testemunha de um processo histórico de desenvolvimento econômico desigual e opressor, com impactos significativos no meio ambiente e no ordenamento territorial. Ainda hoje, resguarda vestígios do período colonial no Brasil, como as galerias de minas subterrâneas e ruínas da mineração (Sobreira; Fonseca, 2001), tornando-se um elemento importante para compreender as relações entre o homem e a natureza, especialmente na perspectiva de seus próprios moradores. Um exemplo disso é o bairro São Cristóvão (antigo Veloso) e a adjacente Serra do Veloso, em Ouro Preto, que ilustram os efeitos das atividades de mineração local, visíveis nas construções da paisagem urbana e nas intervenções na Serra (Ferreira 2017), além das disparidades sociais da época. Neste relato de experiência, é apresentada a percepção dos moradores do bairro São Cristóvão acerca da história da mineração de ouro no local e na cidade, bem como seus fenômenos socioambientais.

Figura 1: Vista parcial do centro histórico de Ouro Preto e, ao fundo, a Serra do Veloso



Fonte: Ane Souza, Flickr, 2024

ORIGEM DE OURO PRETO – CIDADE PATRIMÔNIO MUNDIAL DA HUMANIDADE

Ouro Preto, ou antiga Vila Rica, conhecida por sua riqueza de conjuntos históricos arquitetônicos e urbanísticos (Brasil, 2014). Foi a primeira cidade brasileira declarada Patrimônio Mundial pela UNESCO, em 1980. A cidade desenvolveu-se inicialmente em torno da mineração do ouro, destacando-se como principal polo aurífero do Brasil nos séculos XVIII e XIX, o que a levou a ser a primeira capital do estado de Minas Gerais e um dos maiores centros populacionais da América Latina, composta em sua maioria por escravizados oriundos da diáspora africana (Sobreira; Fonseca, 2001).

Devido à exaustiva e indiscriminada exploração aurífera, como as aluviões nas encostas da serra e as lavras a céu aberto, tais atividades logo entraram em declínio, porém resultaram na principal intervenção antrópica realizada na paisagem de Ouro Preto, especialmente na Serra de Ouro Preto (Tavares, 2009).

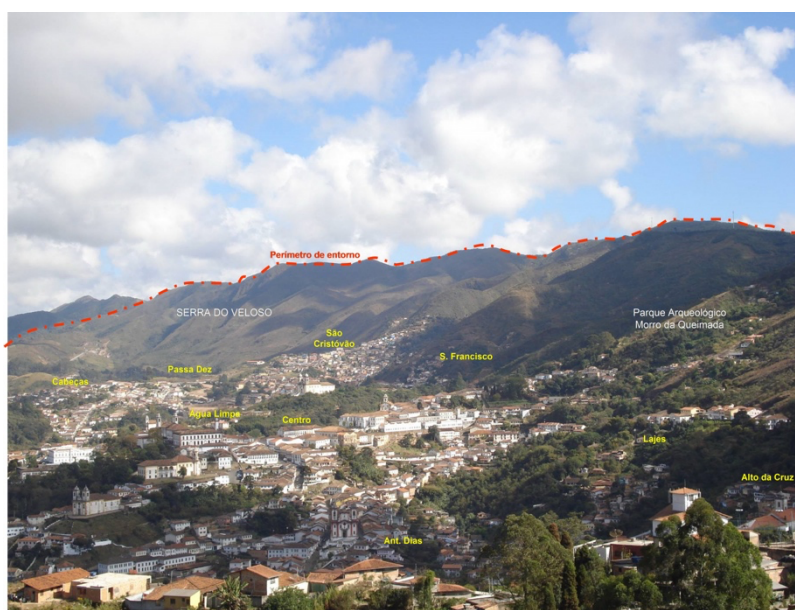
Outro fenômeno que impactou a organização territorial ocorreu na década de 1960, com a chegada de algumas indústrias, como a empresa Alcan – Alumínio do Brasil (Oliveira; Sobreira, 2015). Neste período, ocorreu a expansão dos atuais bairros da cidade: Bairro

São Cristóvão, Bairro Santana, Morro da Queimada e Taquaral. Essa expansão se deu de forma precária, principalmente devido ao intenso adensamento populacional sobre as antigas lavras de ouro, o que levou à alteração ou destruição de quase todas elas (Ferreira, 2017; Sobreira; Fonseca, 2001).

A ESCOLHA DO LOCAL - O BAIRRO DO VELOSO (ATUAL SÃO CRISTÓVÃO)

O Bairro São Cristóvão localiza-se na porção leste da cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, entre os bairros Passa Dez de Cima, São Francisco e Água Limpa, a cerca de 2 km da Praça Tiradentes (Ferreira, 2017). Está situado ao redor da Serra do Veloso, que é uma continuação da Serra de Ouro Preto, e circundado pela Área de Preservação Ambiental (APA) das Andorinhas. A Serra de Ouro Preto funciona como divisor de duas importantes bacias hidrográficas: a do Rio das Velhas e a do Rio Doce (Ferreira, 2017) (Fig. 2). Foi o local das lavras do Coronel Veloso, de onde se origina o topônimo 'Serra do Veloso', uma das maiores e mais rentáveis durante o período áureo da cidade, bem como detendo o maior número de escravizados.

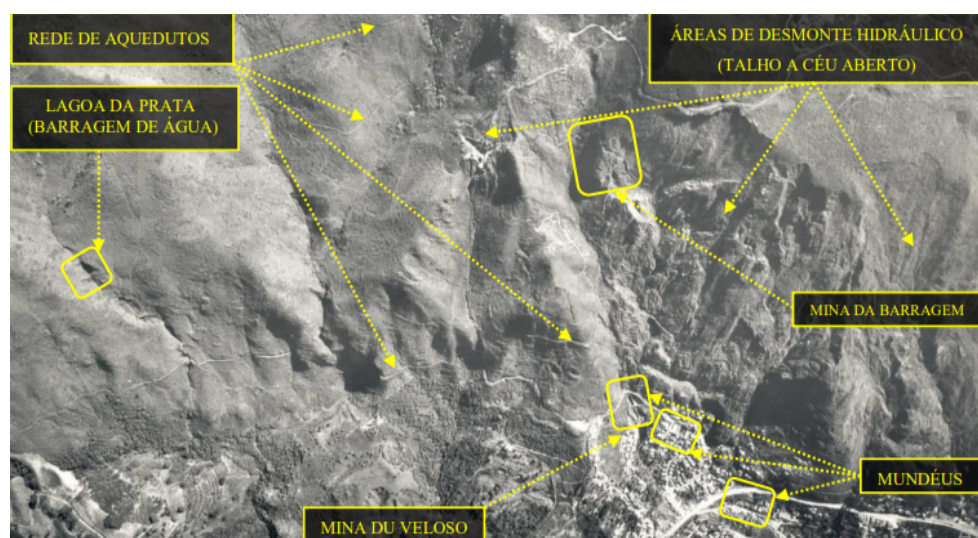
Figura 2: Núcleo Histórico de Ouro Preto e divisão das áreas circunvizinhas



Fonte: Prefeitura Municipal De Ouro Preto, 2024

Apesar da ocupação irregular sob as antigas ruínas da mineração, ainda é possível encontrar um complexo de aquedutos, tanques de lavagem (mundéus) e várias minas de galeria, que são testemunhas do estágio final da mineração de ouro (Campos, 2014; Ferreira, 2017) (Fig. 3). Mostra-se urgente a preservação da área como bem patrimonial e local geoturístico da cidade. É também o local onde se encontra a atual Mina Du Veloso, uma área remanescente da antiga lavra de ouro do Veloso, que foi adaptada em 2014 para funcionar como um local turístico, com visitas guiadas.

Figura 3: Vista aérea com destaque para os sinais de intervenções e das estruturas remanescentes dos métodos de mineração na Serra do Veloso.



Fonte: Imagem do acervo DEGEO-UFOP, fotografias aéreas de 1969. Imagem extraída via FERREIRA, E. E. (2017, p. 70). Acesso em: 29 maio 2023.

METODOLOGIA

Foram realizadas visitas ao Bairro São Cristóvão e à Mina Du Veloso e entrevistas semiestruturadas com moradores, encontrados aleatoriamente nas ruas. As perguntas partiram da premissa de que os moradores poderiam saber ou ter ouvido falar a respeito dos processos da exploração aurífera que decorreram na cidade de Ouro Preto, na Serra do Veloso e, principalmente, no Bairro São Cristóvão.

As perguntas orientadoras que se seguiram foram as seguintes: (1) Já ouviu falar ou conhece alguma história da origem da Cidade de Ouro Preto? E do Bairro São Cristóvão?; (2) Você sabe se houve e ainda há mineração na Serra do Veloso?; (3) Caso considere que há, como é feita essa mineração?; (4) Você já reparou ou sabia da existência de uma rede de aquedutos na Serra do Veloso?; (5) Você considera que a mineração influencia no bairro ou na cidade de alguma forma?; (6) Você sabe da existência de alguma nascente de rio na região? Qual a importância de uma nascente de rio?; (7) Você já visitou a Mina Du Veloso? O que te marcou na visita? Mudou sua visão do bairro?

Ao todo, foram entrevistados 30 moradores do bairro; destes, 4 não permitiram que suas respostas fossem gravadas, então elas foram redigidas com sua autorização. Nenhum dos participantes foi identificado ou citado, sendo apenas coletadas as seguintes categorias de perfil, sempre que autorizados: gênero, idade, cor e profissão, de modo a preservar o direito da participação anônima dos entrevistados. Para a descrição e análise depoimentos dos participantes, eles foram enumerados de acordo com a ordem das entrevistas, sua idade e ocupação.

RELATOS DAS ENTREVISTAS

De modo geral, entre as quatro primeiras perguntas, voltadas à origem do bairro e mineração, sobressaiu nas falas dos entrevistados um desconhecimento de todos os aspectos relacionados à mineração no bairro, na cidade, seus métodos de produção e a utilidade das redes de aquedutos, estruturas físicas que ainda podem ser observadas ao longo da Serra do Veloso.

Dentre os 30 entrevistados, o conhecimento dessas questões aparece nas falas de um professor, uma recepcionista e um guia turístico local, que demonstram familiaridade com o assunto: “teve um pico de mineração, inclusive aqui do bairro. A mineração foi muito intensa na formação da cidade, depois parou, a cidade esvaziou e depois voltou a ter mais pessoas na cidade.” (E14, 44 anos, professor) / “Sei que foram os escravos que construíram aqui... aqui foi descoberto um ouro que era preto e que tinha muito valor.” (E17, 48 anos, recepcionista) / “Veio do ouro, entre o quartzo e xisto passava o ouro, quando encontrava esse veio ia escavando até chegar no bolsão. Esse mineral era tirado bruto, triturado, jogado nos tanques d’água e separados com a bateia.” (E25, 40 anos, guia turístico).

O desconhecimento sobre os temas questionados pode ser observado na fala subsequente: “Muita coisinha, sei que foi Vila Rica, só o que estudou mesmo, profundo de Ouro Preto nós não conhecemos quase nada, somos nascidos e criados aqui e não conhecemos quase nada.” (E22, 58 anos, pedreiro).

Quanto à influência da mineração aurífera no desenvolvimento do bairro e da cidade, a associação com a geração de emprego e renda prevaleceram sobre a percepção de alterações antrópicas e os impactos ambientais causados pela atividade. A sobreposição é evidente na fala da E17: “Emprego, muita gente trabalha nas empresas, essas ruas têm nomes de mineral igual a essa que é manganês, esmeralda, pirita. Aqui é uma cidade mineradora, o estado é minerador. Agora acontecem problemas com o meio ambiente, mas infelizmente, né?” (E17, 48 anos, recepcionista).

Entre os impactos citados estão, degradação da paisagem física, como podemos observar na resposta, “Sim, a maior parte é negativa [de impactos ambientais] né, infelizmente, já começa destruindo a beleza do local, e aí vai destruindo o resto, de lucro só pra quem leva.” (E1, 63 anos, aposentada); a contaminação dos cursos d’água, “Sim, sabe que água aqui não é bebível devido a mineração” [E14] e a poluição ambiental, “Sim. Poluição meio ambiente, tudo altera.” (E15, 50 anos, professora).

A respeito da existência de nascentes de rios na região, reconhecem a importância das nascentes locais e a necessidade de mantê-las bem conservadas, pontuando, “É a melhor

coisa que tem, né, as pessoas não desmatando, não desaterrando, principalmente essas nascentes que abastecem metade de Ouro Preto, por isso tem que cuidar, não colocar fogo. Chega a época de seca, o povo coloca fogo, precisa cuidar mais, né?” (E22, 58 anos, pedreiro).

Sobre a presença da Mina Du Veloso e sua importância social, os relatos trazidos pelos entrevistados, mencionam suas experiências anteriores à transformação do local em atração turística: “Visitei antes de ser uma “mina”, quando ainda era antiga casa da dona que morava ali...que hoje é a mina do Du, mas ali era a casa de Dona Maria Clara” (E8, 46 anos, serviços gerais).

Aqui é importante ressaltar a já existência da mina, porém não percebida pela população como um bem patrimonial e de passível visitação turística. Essa mudança de cenário teve início em 2010, quando o terreno foi comprado por Eduardo Evangelista, conhecido como Du, que idealizou o projeto de construção da 'Mina Du Veloso' (Fig. 4 e 5).

Figuras 4 e 5: Etapas de construção da edificação onde está localizada a atual Mina Du Veloso, nota-se na fig. 5 as técnicas construtivas de pau a pique.



Fonte: Blog Mina Du Veloso, 2014.

Em outros relatos, observamos, “Eu tenho 38 anos sou nascido aqui, nós não sabíamos dessa mina, ali era uma casa velha e o rapaz comprou, casa antiga, abandonada... [...] você acha que conhece o bairro mas tem muita coisa escondida” (E12); “Já visitei, inclusive nós buscávamos água lá” (E23, 73 anos, aposentada); “porque na minha época de criança

existia muita bica de água, então o Veloso faltava muita água, e era onde a gente ia pra bica pra poder encher o balde de água, tomar banho, lavar roupa” (E8).

Houve ainda respostas que indicavam sentidos de autoidentificação, “Lá é bom, a história dos meus ancestrais” (E5, 57 anos, pintor) e de religiosidade e crenças populares, “Nós, muito curiosos, fomos, vamos ver onde sai. Será que essa mina sai lá em casa (outro vizinho falando), vamos entrar pra ver... ah menino, nós começamos a entrar e o trem é feio mesmo tá? Começamos a escutar uma gemeção “uuhhhh”, eu falei: que isso?; ele: deve ser seu pai fazendo medo em nós. Nós voltamos correndo e não tinha ninguém, aí contei pra papai e ele disse bem feito, quem mandou vocês entrarem lá dentro, isso aí é alguma alma penada que tava lá dentro, porque muita gente morreu injustamente, eles matavam os escravos e enterravam dentro da mina, “Deeus que me livreee” aí nós nunca mais fomos” (E2, 60 anos, doméstica).

Todavia, os entrevistados também destacaram de forma positiva as visitas guiadas que ocorrem atualmente na mina: “Sim, foi um túnel que eu entrei lá e eles ficaram falando sobre o ouro, teve coisa que eu gostei, coisa que eu não sabia e aprendi. (E29, 29 anos, doméstica); “Sim, gostei da história” (E30); “Sim, a história sobre a mina” (E21).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos depoimentos, observamos que as estruturas mencionadas por Campos (2014) e Ferreira (2017) permanecem desconhecidas pelos moradores, assim como a história de origem do Bairro e de Ouro Preto em geral. Destaca-se a necessidade de uma divulgação mais abrangente sobre a origem e desenvolvimento da cidade, especialmente nesse bairro, que testemunhou um período de intensa exploração social e econômica, resultando no estabelecimento de um desequilíbrio socioeconômico e o racismo ambiental, ainda presentes.

O reconhecimento do papel da Mina Du Veloso na história local demonstra ser crucial para o desenvolvimento de uma Educação Ambiental que promova a construção de conhecimento de maneira crítica e significativa para a população do bairro. A transmissão intergeracional de informações e as experiências infantis de exploração do ambiente são

igualmente relevantes e podem constituir etapas importantes no reconhecimento e na apropriação da história e cultura locais, contribuindo para uma visão social mais ampla e fortalecendo o senso de pertencimento e favorecendo a Percepção Ambiental, compreendida como processo participativo, de acordo com Melazo (2005).

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Cultura. IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARTÍSTICO E NACIONAL. **Centro Histórico de Ouro Preto**. 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/30>>. Acesso em: 29 maio 2023.

CAMPOS, Kátia Maria Nunes. Vestígios da mineração de ouro na Serra do Veloso: uma contribuição à geo-história de Ouro Preto-MG. **Revista Espinhaço**, [S. l.], v. 3, n. 2, 2014.

FERREIRA, Eduardo Evangelista. **Patrimônio mineiro na Serra do Veloso em Ouro Preto - MG: registro, análise e proposição de circuitos geoturísticos interpretativos**. 2017. 151 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Naturais) - Programa de Pós-Graduação em Evolução Crustal e Recursos Naturais, Departamento de Geologia da Escola de Minas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2017.

FERREIRA, Damile de Jesus; PROFICE, Christiana Cabicieri. Percepção Ambiental de Unidades de Conservação: O Olhar da Comunidade Rural do Barroão no Entorno do Parque Estadual da Serra do Conduru – BA. **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, v.8, n.3, p. 179-195, 2019.

MELAZO, Guilherme Coelho. Percepção Ambiental e Educação Ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano. **Olhares & Trilhas**, Uberlândia, v. 0, n. 6, p.45-51, 2005.

OLIVEIRA, Leandro Duque de; SOBREIRA, Frederico Garcia. Crescimento urbano de Ouro Preto-MG entre 1950 e 2004 e atuais tendências. **Revista Brasileira de Cartografia**, v. 67/4, p. 867, 2015.

RIBEIRO, Viviane Andrade. PERCEPÇÃO AMBIENTAL DE GESTORES SOBRE AS ÁREAS VERDES EM INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade –GeAS**, v. 7, n. 2 p. 340-358, 2018.

SAUVÉ, Lucie. Educação ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 2, p. 317–322, 2005.

SOBREIRA, Frederico Garcia; FONSECA, Marco Antônio. Impactos físicos e sociais de antigas atividades de mineração em Ouro Preto, Brasil. **Geotecnia**, v. 92, p. 5-28, 2001.

TAVARES, Ruzimar Batista. Ordenamento territorial e impacto ambiental: riscos geológicos em área de preservação arqueológica mineira com ocupação desordenada. Exemplo de Ouro Preto, Minas Gerais. In: **A Estrada Real e a transferência da corte portuguesa**: Programa RUMYS - Projeto Estrada Real. Rio de Janeiro: CETEM/MCT/CNPq/CYTED, p.110-140, 2009.

VASCO, Ana Paula; ZAKRZEWSKI, Sônia Beatris Balvedi. O estado da arte das pesquisas sobre percepção ambiental no Brasil: The state of the art in research on environmental perception in Brazil. **Revista Perspectiva**, Erechim. v. 34, n.125, p. 17-28, 2010.